

Presidente da Assembleia não considera estar a actuar em prol do respeito do parlamento através do elo mais fraco

«Eu acho que os senhores jornalistas são o elo mais forte. Então os senhores não são o quarto poder ou o primeiro poder, ou o poder dos poderes? Não, não são o elo mais fraco», garantiu Miguel Mendonça, quando questionado pelos visados.



PRESIDENTE MANTÉM DETERMINAÇÃO

Imposição de Mendonça sem paralelo na AR e Açores

Exclusão de jornalistas do parlamento começou por câmaras da RTP e evoluiu para fotógrafos e outros jornalistas de vários órgãos

Bom senso na Assembleia da República

A Assembleia da República (AR) não tem qualquer regra escrita quanto à forma como os jornalistas devem, ou não devem, vestir-se para acompanharem os trabalhos parlamentares.

À entrada do Palácio de São Bento, além do controlo de segurança, basta a apresentação da carteira profissional. O que no caso de quem esteja acreditado permanentemente no parlamento nacional significa mostrar a respectiva credencial. Quanto à roupa, impõem regras simples

como as da decência e do bom senso. Não carecem, portanto, de um regulamento escrito. Na bancada de jornalistas que dá para o hemicírculo, o que vale para os restantes espaços, dependendo de cada um e do dia, podem coexistir sapatos e sapatilhas ou fatos, ganga e "T-shirts". Devido às características do seu ofício, os repórteres fotográficos e de imagem são normalmente os mais informais. Ninguém fica na porta por causa da indumentária.

S.G.



ARQUIVO/RUI MAROTE

Deputados entram como querem, pois não lhes pode ser imposta uma forma de se apresentarem no parlamento.

Élvio Passos
epassos@dnoticias.pt

Nos últimos tempos, vários têm sido os jornalistas expulsos ou impedidos de entrar na Assembleia Legislativa da Madeira, por trajarem calçado desportivo ou usarem T-shirt. A decisão foi do presidente Miguel Mendonça, que alegou ser necessário respeito pela instituição. Um respeito que parece não ser necessário na Assembleia da República (ver destaque) nem nos Açores.

Na segunda e na terça-feira passadas, atingiu-se o auge dos impedimentos, com seis jornalistas a serem barrados pelos serviços do parlamento.

Então Miguel Mendonça, presidente do parlamento, reafirmou a sua posição e lamentou não poder impor aos deputados o mesmo respeito. E garantiu: «As normas são para manter, enquanto eu for presidente».

No mesmo dia, terça-feira, em Santana, Miguel Mendonça esclareceu que iria pedir ao seu chefe de gabinete que elaborasse um regulamen-

to definindo as condições de apresentação dos jornalistas, para lhes ser permitido o acesso ao trabalho no parlamento.

Entretanto, a TSF-Madeira solicitou esclarecimentos à Entidade Reguladora da Comunicação Social, sobre como agir em caso de barramento de entrada, considerando que uma jornalista daquela rádio também o foi.

Por sua vez, o Sindicato dos Jornalistas falou em excesso de zelo de Miguel Mendonça e em atitudes de humilhação», como forma de «des-

viar as atenções de vários atropelos e violações que se verificam na Assembleia Legislativa: violações ao regimento, linguagem ofensiva e até ameaças físicas entre deputados».

Na Assembleia Legislativa dos Açores não existe qualquer regulamento sobre como os jornalistas devem vestir ou calçar quando fazem trabalho parlamentar.

Há, inclusive, assessores dos órgãos de governo próprio açoriano que frequentam o parlamento com «sapatos desportivos», confidenciou-nos um deles.

Vestir bem mais condicionado ao corpo e à personalidade

André Correia defende que o destino deve contar; Patrícia Pinto diz que há etiqueta fora de moda e que mais importante é que assente



Paula Henriques
phenriques@dnoticias.pt

Andar bem vestido é, acima de tudo, conseguir harmonia entre o físico e a personalidade, o bom senso e o bom gosto, tudo condicionado à idade, às situações sociais e à companhia, resume André Correia, um dos mais

destacados estilistas madeirenses.

Quando se prepara para sair, na sua opinião, as pessoas devem ter em conta ainda o que pretendem comunicar e a moda, embora esta última não seja obrigatória para vestir bem, afirma.

Já Patrícia Pinto, outro nome de referên-

cia nesta área, dá mais importância à personalidade e ao que "cai bem" na hora de escolher. Para a jovem criadora, é mais importante saber adequar as peças ao corpo do que adequá-las à ocasião. Na sua opinião, há muita etiqueta "fora de moda", porque impõe regras com que as pessoas não se identi-

cam, como o chapéu em casamentos durante o dia.

Nisto de "trapos", André Correia, que acompanha de perto os desenvolvimentos da moda nacional, acrescenta ainda que andar bem vestido passa muito por opções pessoais, escolhas que nem sempre agradam aos olhos dos outros. E,

ao contrário do que muitos possam pensar, colocar uma gravata não garante os resultados. Apesar de estar associado a algum estatuto e a uma imagem de sucesso, este acessório, à semelhança de outros como os sapatos e as sandálias, quando mal utilizado acaba por prejudicar a imagem de quem o usa.

breves

PSD não defende visão conservadora



Jaime Filipe Ramos (PSD) diz que compete a Miguel Mendonça «zelar pela dignidade do primeiro órgão da Região», o parlamento. E que deve haver condições mínimas de presença, para jornalistas e convidados. Contudo, o «PSD não é defensor que se usem roupas conservadoras».

PS diz que atitude é desproporcionada

Victor Freitas (PS) fala em «atitude desproporcionada» de Miguel Mendonça, que «deveria estar mais preocupado com as situações que se passam na Assembleia. Essas sim, são mais ofensivas do que a indumentária da comunicação social».

Esferográfica é que é problema

Leonel Nunes (PCP) diz que «não é o traje que faz o monge» e que o problema não é das sapatilhas mas da esferográfica», que incomoda.

Rodrigues não é estilista



José Manuel Rodrigues (PP) diz que não é estilista e que, por isso, não avalia a forma como os jornalistas estão vestidos. Mas reconhece ser necessário um mínimo de dignidade, apesar de não se poder exigir fato e gravata.

Só olhar para o chão

Violante Matos (BE) diz que «têm acontecido situações tão degradantes, que é lastimável que Miguel Mendonça só olhe para o chão e só veja o que se passa ao nível das sapatilhas». A deputada acusa o presidente de não ter feito qualquer apreciação em outras situações bem mais graves.